

HISTÓRIA ORAL E NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS EM UMA PESQUISA SOBRE O PIBID: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Ana Cláudia Molina Zaquau
UNESP – Rio Claro
anaclaudiam.zaquau@gmail.com

Heloisa da Silva
UNESP – Rio Claro
heloisas@rc.unesp.br

Resumo:

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro, que busca compreender o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em funcionamento no curso de Licenciatura em Matemática desta instituição, a partir da perspectiva de ex-alunos bolsistas. Nele discutiremos nossa opção metodológica para a constituição dos dados da pesquisa, que envolvem uma relação por nós estabelecida do uso de narrativas (auto)biográficas e dos pressupostos da História Oral (HO) praticada pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM), ao qual pertencemos. Abordaremos também a alguns desafios deste trabalho, destacando a ausência de literatura direcionada para o estudo do método que geraram os dados. Para finalizar, apresentaremos alguns resultados parciais e perspectivas da pesquisa.

Palavras-chave: Formação de professores, PIBID, História Oral, Narrativa (auto)biográfica.

1. Introdução

Em se tratando de pesquisas em Educação, temos percebido ao longo dos últimos anos, um aumento relevante no que diz respeito à utilização de Histórias de Vida (HV) – onde se incluem as narrativas (auto)biográficas – como recurso pedagógico na formação de professores¹. Concomitante a isto, temos também as pesquisas que tomam a História Oral (HO) como metodologia para investigar a história da formação de professores e, neste caso, nos referimos, mais especificamente, a professores de Matemática e às pesquisas desenvolvidas junto ao Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM)².

¹ Souza (2006, 2011), Delory-Momberger (2011), Nóvoa (2009), Josso (2004,2006), Prado e Soligo (2007) são exemplos de trabalho envolvendo a história de vida na formação de professores.

² Grupo coordenado pelo Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica (Depto de Matemática – UNESP/Bauru e PPGEM – UNESP/Rio Claro). Site do grupo: www.ghoem.com

Considerando estes aspectos e o fato de que o GHOEM tem investido no estudo de metodologias em movimento, ou seja, abertas a novas possibilidades, desde que apresentadas suas potencialidades e limitações, nos propusemos a desenvolver uma pesquisa, cujo processo de constituição de dados se desse a partir dos pressupostos da História Oral (GARNICA, 2012 ; GARNICA, FERNANDES e SILVA, 2011) e, portanto, do registro de narrativas orais, e da investigação biográfico-narrativa (BOLÍVAR, DOMINGO e FERNÁNDEZ, 2011), também conhecida como investigação a partir de histórias de vida, memoriais, narrativas de formação, sendo estas registros de narrativas escritas.

O objetivo da referida pesquisa é compreender o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na formação de professores de Matemática da UNESP de Rio Claro, a partir da visão de ex-alunos bolsistas. Junto desta proposta de pesquisa escolhemos a História Oral e o método (auto)biográfico para a constituição e análise dos dados da investigação envolvendo a formação inicial de professores de Matemática.

Neste texto, a título de contextualização, damos uma visão geral do trabalho que vem sendo realizado, apresentando seus objetivos bem como quem são os participantes colaboradores; abordamos a maneira como foi proposta a dinâmica para a constituição dos dados da pesquisa, bem como os desafios encontrados e perspectivas geradas nesse processo; e, por fim, em meio a este contexto, discutiremos o que temos mobilizado da História Oral e do método (auto)biográfico ou investigação biográfico-narrativa na pesquisa.

2. Considerações e aspectos gerais da pesquisa

Pesquisar a formação de professores, bem como os programas e ações que as contemplam é algo que tem sido alvo de discussões em Congressos, Encontros, Seminários, Grupos de trabalho, entre outros tantos meios disponíveis de trocas de experiências. As motivações desta pesquisa dizem respeito à formação de professores de Matemática e ao PIBID, um Programa do governo federal, hoje incorporado pela CAPES, que visa um aprimoramento na formação inicial de professores de diversas áreas.

Dentre os aspectos motivadores para o desenvolvimento dessa pesquisa, destacamos: a inquietude da primeira autora deste texto, na ocasião em que concluiu seu

curso de graduação em licenciatura em Matemática, ao perceber uma necessidade emergente de aproximação entre universidade e escola, dada a sua sensação de despreparação para atuar como docente da escola básica³; o modelo de formação de professores estabelecido no país, marcado por uma separação nítida entre disciplinas de conteúdos específicos e pedagógicos, já criticada por muitos pesquisadores (tais como Shulman (1988), Nóvoa (2009), Saviani (2005 e 2009) e Santos (2011)); e a criação do PIBID, em 2007, cujas características gerais pareciam atender às necessidades apontadas nos dois primeiros itens mencionados anteriormente.

Com relação à formação de professores, lembramos que este tema faz-se presente e mostra-se como uma preocupação em vários contextos desde o século XVII, quando “o primeiro estabelecimento de ensino destinado à formação de professores teria sido instituído por São João Batista de La Salle, em 1684” (DUARTE, 1986, p. 65-66, apud SAVIANI, 2005, p. 1). Tal preocupação tornou-se mais acentuada após a independência do nosso país, dando assim início às várias tentativas intermitentes de estabelecer um modelo de formação adequado às necessidades da nação.

Nesta tentativa de estabelecer um modelo de formação, muitos problemas eram detectados e nesse sentido, propostas eram desenvolvidas voltadas para o aprimoramento da formação. Em 1982, por exemplo, o Ministério da Educação cria o Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM). Este oferecia bolsas de trabalho onde os alunos interessados estudariam um período e trabalhariam em monitorias no outro. Este Programa obteve resultados porém a falta de uma política pública com o fortalecesse fez com que o CEFAM perdesse suas forças e acabasse.

É claro que o CEFAM não foi a única iniciativa do governo, muitas outras foram tomadas entretanto, a partir do ano de 2000, pudemos perceber um aumento relevante de iniciativas voltadas à formação de professores.

Mais recentemente, em 2007, surge o PIBID, cujo objetivo é estabelecer um modelo de formação que possa articular aspectos teóricos e práticos, além de proporcionar uma formação que, mesmo não sendo estendida em todo o período da graduação e a todos

³ Fato esse já constatado em pesquisas que abordaram o assunto das relações entre a formação inicial de professores de matemática e a prática docente, como por exemplo, as de Linardi (2006), Francisco (2009), Santos (2011) e Silva (2013).

os licenciandos, se dê no âmbito da profissão. Sobre isso, alguns autores, como Nóvoa (2009 e 2010), França (2006), Sánchez, Garcia e Villajos (no prelo), têm realçado a importância de se ter uma formação que considere a profissão. Nóvoa (2009) afirma que:

A formação deve contribuir para criar nos futuros professores hábitos de reflexão e de autorreflexão que são essenciais numa profissão que não se esgota em matrizes científicas ou mesmo pedagógicas, e que se define, inevitavelmente, a partir de referências pessoais. (p.182, tradução nossa⁴).

Considerando tal contexto e aspectos, formulamos a questão que tem norteado nossa pesquisa: *Como o PIBID tem participado da formação de professores de Matemática?* Obviamente, não teríamos condições de responder de modo abrangente a esta questão e por isso, focamos a investigação no curso de Matemática da UNESP de Rio Claro, onde, no ano de início desta pesquisa, 2012, estava sendo concluída a primeira turma de formandos dos quais, alguns, participaram do PIBID. Além disso, considerando as várias facetas que uma pesquisa como esta poderia abranger, optamos por realizá-la a partir do ponto de vista de ex-alunos bolsistas do PIBID. Para tanto, optamos por registrar e analisar narrativas (auto)biográficas elaboradas por cinco ex-bolsistas do subprojeto de Matemática do PIBID da Unesp, Rio Claro. Visando compreender e caracterizar o Programa, bem como o projeto implementado na referida instituição, inclusive para analisar os dados da pesquisa, realizamos também entrevistas com o coordenador-geral de desenvolvimento de conteúdos curricular e de modelos experimentais da CAPES, como também com a coordenadora de área responsável pelo Programa na Matemática da Unesp, Rio Claro.

Tais procedimentos estiveram pautados em fundamentos metodológicos da História Oral e da investigação biográfico-narrativa. É sobre tais fundamentos que trataremos no próximo item.

3. A busca por uma aproximação entre História Oral e Narrativas (auto)biográficas

Percebemos que a cada dia tem se tornado mais comum o uso de narrativas que tomam como essenciais os aspectos sociais e culturais que envolvem o tema escolhido em

⁴ “La formación debe contribuir para crear en los futuros profesores hábitos de reflexión y de autorreflexión que son esenciales en una profesión que no se reduce a matrices científicas o incluso pedagógicas, y que se define, inevitablemente, a partir de referencias personales.”

pesquisas de Educação Matemática. O uso da História Oral e das Histórias de Vida tem se intensificado a medida que se percebe as potencialidades das narrativas orais e escritas nestas pesquisas.

De acordo com Garnica (2007) a História Oral surgiu por volta de 1948, juntamente com a invenção do gravador e era utilizada mais comumente por sociólogos e antropólogos. Entretanto, segundo Thompson (1992) antes mesmo da criação do gravador já existiam movimentos característicos da História Oral que não contavam com os recursos necessários para que fosse possível legitimar as fontes.

O uso da HO começa a ser mais impactante e toma maior credibilidade a partir dos anos de 1960, quando percebem nela uma possibilidade de compreender espaços existentes em documentos. Além disso, os movimentos contestadores da época foram fundamentais para a repercussão e desenvolvimento da HO; historiadores e sociólogos como Foucault e Goffman “defenderam a posição contestadora que se deve devolver a palavra à criança, aos loucos, aos grupos excluídos, às mulheres e outras minorias silenciadas pelo poder.” (ATAIDE, 2006, p.314) e, apesar de não mobilizarem a HO, seus fundantes foram utilizados significativamente por oralistas. A partir disso é possível perceber que, no início, a História Oral foi tomada como um dispositivo capaz de inserir pessoas comuns na história.

Atualmente, principalmente nas pesquisas desenvolvidas no GHOEM, a História Oral não é mais tomada como meio de “dar a voz” às classes menos favorecidas, mas como “UM dos modos de criar narrativas” (GARNICA, 2012, p 54), que por sua vez se tornam fontes historiográficas.

Neste processo de constituição de fontes, ao mobilizarmos a HO como metodologia de pesquisa, é preciso se orientar por certos procedimentos, dos quais destacamos: apresentação dos objetivos da pesquisa e da entrevista para o colaborador/depoente; criação um ambiente de entrevista no qual o depoente se sinta a vontade para relatar suas experiências; transcrição da entrevista – momento em que a narrativa oral passa a ser fonte escrita – e sua textualização – tarefa em que o pesquisador retira do texto as marcas de oralidade mais intensas sem que sejam apagadas aquelas próprias do sujeito como, por exemplo, expressões regionais; esclarecimento ao colaborador sobre as questões éticas da

pesquisa. Nesse sentido o GHOEM entende a HO como uma metodologia de pesquisa qualitativa na área de Educação Matemática.

Atualmente, o Grupo também tem tomado outros dispositivos para a constituição de narrativas que vão além das entrevistas gravadas⁵. Entendemos estas narrativas como um *texto* em que o sujeito aborda suas memórias, ou como “a manifestação de história(s)” ou “modos de contar casos” (GARNICA, no prelo). Tal definição possibilita considerarmos como narrativas, portanto, não apenas textos escritos ou orais, mas “dados” inscritos em distintos suportes, que vão além do papel ou da gravação, como fotografias, obras de arte etc. Também como Bolívar, Domingo e Fernández (2011), compreendemos a narrativa como “uma reconstrução da experiência a partir da qual, mediante um processo reflexivo, é possível atribuir significado ao vivido” (p. 20).

Esta experiência de narrar fatos do presente e do passado, inclui, ainda que inconscientemente, posições e opiniões do sujeito a respeito do que narra. Justamente por isso, ela é UMA versão dentre muitas outras que constituem um fato ou momento histórico. Acreditamos que não é possível encontrar uma verdade absoluta e sim uma espécie de “peças” que unidas a outras – não necessariamente com a precisão e regularidade dos quebra-cabeças usuais – constituem os acontecimentos (ALBUQUERQUE JR., 101).

E é nesta linha de raciocínio que incluímos as noções de tempo, memória e esquecimento, uma trilogia traçada por Souza (2011) em que é possível compreender a importância desta relação na arte de lembrar e narrar. Para este autor,

“a memória escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador.” (p.39)

⁵ Sobre isso, Garnica (2012) afirma que “confundindo uma filiação a uma explicitação, muitos pensam: (a) que todos os membros do GHOEM, hoje, mobilizam História Oral; (b) que hoje o GHOEM trabalha ‘apenas’ com História Oral; (c) que apostar na História Oral – já que muitos dos debates sobre História Oral ocorrem/ocorreram entre historiadores – é necessariamente praticar historiografia, (d) que a História Oral é algo uno, próprio a uma determinada comunidade, concebida como um bloco homogêneo, que pode ser meramente replicado por outras comunidades com mesmo ou outro fim. Enganam-se. O GHOEM – e isto tem ficado cada vez mais claro inclusive para os membros do GHOEM – trabalha com narrativas”. (p 54)

Não distante dos pressupostos da História Oral e unida a esta trilogia podemos encontrar as Histórias de Vida (HV), situadas “no campo da virada hermenêutica em que se compreendem os fenômenos sociais como textos e a interpretação como atribuição de sentidos e significados das experiências individuais” (ibid,2011, p.41). As Histórias de Vida contadas por meio de cartas, diários, biografias, (auto)biografias, são formas de narração que sempre acompanharam a vida do homem, fossem elas para narrar dias de guerra, batalhas, lutas épicas ou para contar a vida de grandes reis, santos e pessoas de destaque perante a sociedade. Já em meio a crise do positivismo e do funcionalismo, a Escola de Chicago passa a adotar as Histórias de Vida como método de pesquisa que, por sua vez tomam maior visibilidade a partir das contribuições da Escola de Annales⁶ que veem os relatos (auto)biográficos como fontes históricas. Com o reconhecimento destas fontes para a pesquisa, passa-se a contar a história de todas as pessoas que quisessem contribuir com a escrita de uma história, não mais se limitando aquelas com grandes feitos.

A partir disso, podemos notar que tanto a História Oral quanto a História de Vida buscam uma história a ser contada por todos e não pela minoria. Além disso, no Brasil, os trabalhos com Histórias de Vidas tiveram início nos anos de 1960 sob a influência da História Oral (SOUZA, 2011, p.42). Já no que diz respeito ao seu uso em pesquisas em Educação, estas foram intensificadas nos anos de 1990, com o uso do método autobiográfico⁷ e as narrativas de formação.

Sobre isso, muitos autores dissertam sobre as potencialidades do uso das histórias de vida, contadas por meio das narrativas de formação, no processo de formação de professores, como é o caso de Souza (2006), Abrahão (2006) e Josso (2004). A ênfase da pesquisa desses autores está na importância do conhecimento de si, do narrar a si, como um processo de reflexão, autoconhecimento e acima de tudo, (auto)formação. Mesmo com tais ênfases, esses autores não negam que, neste processo, a relação entre o formador e o sujeito é de cumplicidade, havendo a necessidade de confiança entre eles, assim como ocorre na História Oral, em que pesquisador e depoente estabelecem uma parceria.

⁶ Foi um movimento historiográfico que buscou incorporar métodos das Ciências Sociais à História.

⁷ Forma de pesquisa na qual prioriza-se a história individual de cada sujeito. O pesquisador tece sua análise de forma interpretativa a partir das narrativas individuais nas quais os sujeitos narram experiências por eles vivenciadas sobre temas pré-estabelecidos ou suas vidas. Aliado a este método, encontramos as histórias de vida que por sua vez podem ser contadas como narrativas biográficas, (auto)biográficas, cartas, memoriais, narrativas de formação, etc.

É importante ressaltar que o método autobiográfico possui variações que ocorrem de acordo com o foco da pesquisa a ser desenvolvida. Sendo assim, pelo fato desta pesquisa tomar as narrativas (auto)biográficas como recurso para elaboração dos dados, julgamos pertinente tomarmos a ideia da investigação biográfico-narrativa proposta por Bolívar, Domingo e Fernández (2011), que utilizam este termo como uma categoria que amplia os modos de obtenção e análise dos dados. Neste caso, toma-se as narrativas (auto)biográficas como recurso para elaboração ou análise de dados; tem-se a preocupação de buscar em entrevistas, documentos ou outras fontes, informações que possam ser confrontadas às advindas dos relatos (auto)biográficos; no processo de investigação, quatro elementos são fundamentais: narrador (conta suas experiências de vida), intérprete (pesquisador), textos (narrativas (auto)biográficas e leitores. (SÁNCHEZ, GARCIA, VILLAJOS, no prelo)

Outro ponto que faz com que o modo como estamos utilizando as narrativas (auto)biográficas sejam compatíveis com o que ocorre em pesquisas da HO na Educação Matemática é que, assim como nos relatos orais, em que a história de certo acontecimento é reconstruída a partir da lembrança do depoente que o vivenciou e que, inevitavelmente, incorpora em seu discurso suas crenças, vivências e experiências, em uma narrativa (auto)biográfica, o sujeito aborda diversos temas sempre estabelecendo ligações costuradas “em torno da dimensão temporal que dá significado às fases de infância, juventude, idade adulta, etc.” (ATAIDE, 2006, p.318).

Com um aprofundar dos estudos bibliográficos, foi possível perceber que o modo como entendemos as narrativas (auto)biográficas está muito próximo dos trabalhos desenvolvidos com a HO no GHOM. Seguimos os pressupostos da HO ao desenvolvermos o método de constituição dos dados da nossa pesquisa, embora esses consistam na produção de narrativas (auto)biográficas. Nela, diferentemente do modo como a maioria dos autores as tem utilizado, as narrativas (auto)biográficas são como documentos que constituem fontes históricas, podendo ser utilizadas em pesquisas futuras ou não, e assim sendo, são tomados os devidos cuidados assim como os documentos oriundos dos relatos orais de pesquisas em HO.

Diante disso, apostamos que o envolvimento da História Oral com o recurso das narrativas (auto)biográficas em nossa pesquisa contribuirá para o aperfeiçoamento de

novos procedimentos de constituição de narrativas em investigações qualitativas. Pensamos ser as (auto)biografias uma alternativa interessante para o registro de narrativas por possibilitar vários movimentos de análise dentro de um mesmo documento. Entretanto, cabe ressaltar que ao optar por esta metodologia, assim como em qualquer outra, muitos cuidados devem ser tomados e algumas dificuldades serão encontradas.

Com relação aos cuidados, devemos nos atentar para o fato de que o trabalho com a história de vida de pessoas envolve sentimentos, receios, dificuldades de expressão. Esses tipos de emoções estão sempre presentes, sobretudo, nas horas de leitura e compartilhamento de experiências. Assim, este trabalho não é caracterizado como pertencente ao método (auto)biográfico nem tão pouco a HO, ele busca uma aproximação entre metodologias.

4. A constituição dos dados

Os dados utilizados para a análise desta pesquisa constituíram-se exclusivamente pelas narrativas (auto)biográficas elaboradas pelos ex-bolsistas do Programa que aceitaram participar e constituir suas narrativas. Além disso, como dissemos anteriormente, visando a contextualizar e compreender melhor os dados, registramos entrevistas com o coordenador geral do PIBID junto a CAPES e com a coordenadora de área responsável pelo projeto do PIBID junto ao curso de Matemática da Unesp, Rio Claro.

Após termos realizado o estudo sobre narrativas (auto)biográficas, suas potencialidades e seus usos, elaboramos um curso de extensão⁸ direcionado aos ex-alunos bolsistas do PIBID, em que foram feitas as devidas apresentações e indicações para a realização de suas narrativas (auto)biográficas.

Foram cinco ex-bolsistas que aceitaram fazer parte desse processo. O curso se deu em três momentos: um primeiro que durou três dias consecutivos e quando foram apresentados e discutidos alguns exemplos de narrativas (auto)biográficas; um segundo, marcado por vários encontros online via site de relacionamento⁹, e quando foram

⁸ O curso intitulado “Compartilhando experiências de ensino e formação: um curso de difusão de conhecimento para professores de Matemática” foi oferecido no âmbito do Departamento de Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas – IGCE, da Unesp, Rio Claro, com uma carga horária total de 78 horas, pelas autoras desse texto.

⁹ Foi criado um grupo fechado na rede social Facebook com vistas a discussões e esclarecimentos.

elaboradas as narrativas (auto)biográficas das colaboradoras; e, finalmente, um último encontro presencial, quando foram discutidos, junto com as participantes, alguns aspectos de suas narrativas.

No primeiro dia do curso, as participantes responderam a um questionário individual sobre dados pessoais, questões referentes às suas vidas e lembranças, e compartilharam suas respostas com as colegas do curso - o intuito foi o de que pudessem se conhecer melhor, pois apesar de já serem colegas de PIBID, muitas informações ali colocadas não eram do conhecimento de uma e outras. No mesmo dia, propusemos uma atividade para a qual, previamente, tiveram acesso a dois textos¹⁰ que apresentavam o que eram narrativas (auto)biográficas e suas potencialidades; trabalharam ainda temas relacionados ao ensino de Matemática na sala de aula escolhidos pelas participantes, pois mesmo não sendo foco desta pesquisa, esse trabalho contribuiria para a formação das participantes e para o projeto do qual a orientadora desta pesquisa é coordenadora.

No segundo dia, apresentamos diversos exemplos de escritas (auto)biográficas. Dentre eles: memorial acadêmico, memorial de formação, escritas em blogs, livros, ou seja, nosso objetivo foi o de que as participantes pudessem ter ideias e conhecer diferentes possibilidades de escrever sobre si e suas vivências. Apresentamos também algumas palavras¹¹ a serem consideradas por elas em suas narrativas, com vistas a incentivá-las e também promover certo direcionamento em suas escritas, considerando os nossos objetivos de pesquisa,. No período da tarde desse mesmo dia, demos continuidade às atividades de formação relacionadas ao ensino da matemática, iniciadas no dia anterior.

No terceiro dia do primeiro momento presencial, finalizamos as atividades de formação envolvendo o ensino de matemática e combinamos uma data para que pudessemos nos encontrar online para conversarmos sobre o andamento das narrativas, dúvidas e ainda compartilhar as experiências por elas relatadas.

¹⁰ NOGUERIA, E. G. D. Memórias e Quintais. In: *Porque Escrever é Fazer História: revelações, subversões e superações*. PRADO, G.do Val T. e SOLIGO, R. (ORG), Campinas, SP. Editora Alínea, 2007.

MORAES, N. B. O que revelam profissionais da educação quando refletem por escrito sobre sua trajetória profissional. In: *Porque Escrever é Fazer História: revelações, subversões e superações*. PRADO, G.do Val T. e SOLIGO, R. (ORG), Campinas, SP. Editora Alínea, 2007.

¹¹ As palavras apresentadas foram: Matemática, PIBID, Motivação, Minha escola, Dificuldades, Escolha, Interesse, Ser professor, Ser aluno, Enfrentamentos, Desinteresse, Formação.

Neste período em que as participantes escreveram suas narrativas, em momento algum perdemos o contato com elas, já que oferecemos apoio e espaço para discussão e reflexão tanto online, onde o compartilhamento de informações se dava de forma síncrona, como via e-mail, onde apenas a pesquisadora e a participante conversavam. Estes momentos foram de fundamental importância para o trabalho de escrita das narrativas, como também para a sua entrega parcial, pois foi possível ler e preparar o último momento¹² de forma mais direcionada.

Julgamos importante ressaltar que, apesar do objetivo de nossa pesquisa ser a elaboração de uma narrativa da pesquisadora contando sobre o PIBID na formação de professores de Matemática da UNESP de Rio Claro, segundo as perspectivas de cada uma das colaboradoras, em momento algum determinamos que essas deveriam limitar-se a narrar somente sobre esse tema. Deixamo-las livres para escrever do modo como tivessem compreendido. Obviamente que o fato de conhecerem o objetivo da pesquisa e do termo PIBID aparecer entre as palavras sugeridas, foi decisivo para que abordassem essa temática em suas narrativas.

Pautadas nas discussões ocorridas nos encontros assíncronos e principalmente relacionando aquilo que tínhamos em termos de leitura sobre o assunto (NOGUEIRA et al., 2008 e 2007; NÓVOA, 2009 e 2010), sentimos a necessidade de preparar um novo questionário, antes não pensado, a partir do qual as participantes pudessem relatar suas experiências com a escrita e ainda compartilhar isso oralmente durante o último encontro.

Finalizamos o curso discutindo questões referentes ao que havia sido narrado, aplicando o questionário final por nós elaborado e compartilhando experiências por elas vivenciadas tanto no momento da escrita quanto em suas vidas profissionais.

5. Resultados Parciais da Pesquisa

Quando nos propusemos a desenvolver um trabalho, cujos alguns elementos eram novos, sabíamos dos desafios que encontraríamos pela frente. Dentre eles, destacamos a dificuldade dos ex-bolsistas em escrever sobre si - geralmente, o problema maior estava no início da narrativa, ou seja, em como iniciá-la, depois no decorrer da escrita, os problemas

¹² Referimos-nos ao encontro presencial de agosto.

voltavam a aparecer em forma de preocupações sobre o modo como elas estavam se expondo, principalmente por saberem que suas narrativas podem vir a ser retomadas em outros estudos. Esse é um tipo de dificuldade que não presenciáramos se estivéssemos optado por trabalhar somente com as entrevistas. Além disso, mas ainda sobre as características das (auto)biografias, o modo como elaboramos a coleta de dados de nossa pesquisa permitiu que neste material fossem encontradas informações que dizem respeito não somente ao PIBID, mas também a temas que envolvem currículo, fases da carreira docente, parcerias universidade e escolas públicas, família, profissão, dentre outros pontos.

Olhando para os movimentos que compuseram a escrita das narrativas (auto)biográficas por parte das ex-bolsistas (leituras, escrita, discussões) pudemos perceber que houve, de fato, uma relação entre a História Oral e a investigação biográfico-narrativa pois, foi necessário buscarmos na História Oral meios que nos ajudassem na compreensão das histórias relatadas pelas ex-bolsistas. O estudo de outros documentos, comumente envolvido nos trabalhos em HO, previamente a realização das entrevistas, bem como as entrevistas que realizamos para uma melhor compreensão do Programa e do subprojeto da Unesp, foram importantes para que pontos tocados nas narrativas fossem compreendidos de modo mais abrangente.

Percebemos também que trabalhar com a investigação biográfico-narrativa abre um leque de possibilidades de relacioná-las com outras formas de investigação, incluindo a História Oral. Acreditamos que isto aconteça pelo fato de que ela, em sua procedência, possui características interdisciplinares, tomada pela intersecção das ciências humanas e sociais. Assim, com ela é possível estabelecer ligações entre teoria linguística e literária, sociologia, História Oral, narrativa e filosofia hermenêutica, entre outras coisas (SÁNCHEZ, GARCÍA, VILLAJOS, no prelo).

Nesta análise parcial notamos o quão fundamental foi o fato das histórias de vida terem sido incentivadas e originadas no Brasil a partir da História Oral. Isso permitiu que seus princípios se aproximassem, favorecendo a relação entre elas. Nesta pesquisa, a HO não só contribuiu para analisarmos as narrativas (auto)biográficas como também legitimou estas fontes ao tomarmos como documentos históricos que estarão disponíveis para consulta e futuras análises. Acreditamos que, neste sentido, relacionar a HO com este recurso proveniente das Histórias de Vida é, sim, uma opção metodológica pertinente.

De modo geral, estes foram alguns dos aspectos que pudemos perceber ao estabelecer um movimento inicial de análise, considerando a aproximação entre método biográfico-narrativo e os fundamentos da História Oral. Neste trabalho específico, buscamos focar mais no processo que pensamos para elaborar o curso e como este foi aplicado, uma vez que a ausência de informações sobre como encaminhar uma pesquisa, que toma as narrativas (auto)biográficas como recurso para elaboração dos dados, foi um dos desafios encontrados nesta empreitada.

A escolha por utilizar narrativas (auto)biográficas pautadas no pressupostos da História Oral é uma alternativa que se mostrou eficiente até o momento. Acreditamos que apostar em metodologias diferentes é algo necessário sempre que pensamos em pesquisas, já que o método em uma pesquisa é sempre um modo de olhar e analisar os fenômenos e, portanto, permite uma descrição específica destes. Como afirmou Bruner (apud CUNHA e MACHADO, 2004) “uma história é sempre a história de alguém” (p.197).

6. Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B.. As narrativas de si resignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: Orgs. SOUZA, E. C.de e ABRAHÃO, M. H. M. B.. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p.149-170.

ATAIDE, Y. D. B de.. História oral e construção da história de vida. In: Orgs. SOUZA, E. C.de e ABRAHÃO, M. H. M. B.. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 313 – 323.

BARALDI, I. M.; GAERTNER, R.. Um ensaio sobre História Oral e Educação Matemática: pontuando princípios e procedimentos. In: **Bolema**, Rio Claro, São Paulo, ano 21, nº 20, 2008, p. 47 – 61.

BOLÍVAR, A.B.; DOMINGO, J. S.; FERNÁNDEZ, M. C. **La investigación biográfico-narrativa em educación: enfoque y metodologia**. La Muralla, 2011.

CUNHA, J. L da e MACHADO, A. dos S.. Sujeitos que lembram: história oral e histórias de vida. In: Org: ABRAHÃO, M. H. M. B.. **A aventura (auto)biográfica – teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 183-199.

DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, nº 01, 2011, p. 333-346.

GARNICA, A. V. M. Um ensaio sobre História Oral: considerações teórico-metodológicas e possibilidades de pesquisa em Educação. In: **QUADRANTE**, vol. XVI, nº2, 2007, p. 27 – 50.

GARNICA, A. V. M. Sobre Historiografia: fragmentos para compor um discurso. In: **REMATEC**, ano7, nº 11, 2012, p. 51 – 65.

GARNICA, A. V. M.; SILVA, H.; FERNANDES, D. N.. História Oral: pensando uma metodologia para a Educação Matemática. In: **Anais do V Congresso Internacional de Ensino de Matemática (V CIEM)**, ULBRA, 2011.

JOSSO, M. C.. Conceitos do biográfico singular – plural. In: **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 59 – 80.

JOSSO, M. C.. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: Orgs. SOUZA, E. C. de e ABRAHÃO, M. H. M. B.. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 21 – 40.

JUNIOR, D. M. de A. **História. A arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007.

NOGUEIRA, E. G. D.. Memórias e Quintais. In: organização: PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R.. **Porque escrever é fazer história: revelações**. Campinas: Alínea, 2007, p. 137 – 147.

NOGUEIRA, E. G. D, et.al. A escrita de memoriais a favor da pesquisa e da formação. In: Orgs: SOUZA, E. C. de, MIGNOT, A. C. V. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008, p. 169-196.

NÓVOA, A.. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: Orgs: NÓVOA, A., FINGER, M.. **O Método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 155-188.

NÓVOA, A.. Para una formación de profesores construida dentro de la profesión. In: **Revista de Educación. Ministerio de Educación**, 350, 2009, p. 173 – 202. Disponível em: [http://www.revistaeducacion.educacion.es/res350_09.html]. [ISSN 0034-8082].

PRADO, G. do Val, T.; SOLIGO, R.. Memorial de formação – quando as memórias narram a história da formação. In: organização: PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R.. **Porque escrever é fazer história: revelações**. Campinas: Alínea, 2007, p. 45 – 60.

SÁNCHEZ, M. R. G.; GARCÍA, P. L.; VILLAJOS, A. M.. **La investigación biográfica narrativa em educacion**. Disponível em: http://www.uam.es/personal_pdi/stmaria/jmurillo/InvestigacionEE/Presentaciones/Curso_10/IBN_Trabajo.pdf

SAVIANI, D. História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos. In: **Revista Centro de Educação**, 2005, vol. 30, nº02, p. 1 – 11. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2005/02/a1.htm>.

SAVIANI, D. Formação de professores: Aspectos históricos e teóricos do problemas no contexto brasileiro. In: **Revista Brasileira de Educação**, 2009, vol.14, nº 40, p. 143 – 155.

SOUZA, E. C. de. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interface metodológicas e formativas. In: Orgs. SOUZA, E. C. de e ABRAHÃO, M. H. M. B.. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 135 – 147.

SOUZA, E. C. Memória, (auto)biografia e formação. In: Orgs. Chaves, S. R.; BRITO, M. dos R. de. **Formação e Docência: perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica**. Belém: Cejup, 2011, p. 37 – 52.

SHULMAN, L. S.. Those who understand: knowledge growth in teaching. In: **Educational Research**, vol. 15, n°2, 1986, p. 4 – 14. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1175860>. Acessado em: 14/10/2011.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

VIOLA dos SANTOS. J. R. **Legitimidades possíveis para a formação matemática de professores de matemática (ou: assim falaram Zaratustras: uma tese para todos e para ninguém)**. Tese de doutorado. UNESP, Rio Claro, 2012.